



A ABORDAGEM EXPERIENCIAL E A OBSERVAÇÃO INCORPORADA E SUAS APLICAÇÕES NA APO

Giselle Arteiro N. Azevedo (1); Paulo Afonso Rheingantz (2)

(1) Arquiteta, Doutor, Prof. Adjunto PROARQ/FAU/UFRJ – e-mail: gisellearteiro@globocom

(2) Arquiteto, Doutor, Prof. Associado PROARQ/FAU/UFRJ – e-mail: parheingantz@gmail.com

RESUMO

Reconhecendo que o observador não pode pretender ter acesso a uma realidade independente dele próprio, o grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem – ProLUGAR, passou a adotar as designações *abordagem experiencial* e *observação incorporada* para caracterizar, respectivamente, as bases teóricas e as aplicações práticas das observações que incorporem as interações homem-ambiente produzidas durante a experiência de uma pesquisa de APO. Resultado dos questionamentos dos integrantes do ProLUGAR surgidos a partir de suas observações de campo, esta abordagem implica em uma revisão do entendimento do *lugar* e em transformar a atitude do observador, que deve atentar para suas reações e emoções vivenciadas durante a experiência de interação com os ambientes a serem avaliados. Ainda em fase de desenvolvimento, a *abordagem experiencial* e a *observação incorporada* consideram o modo como cada lugar influencia as relações homem-ambiente, bem como a sua influência sobre o sentido e o significado de cada lugar. Ao procurar lidar conscientemente com a subjetividade das emoções e reações vivenciadas por observadores e usuários, reconhecendo a influência dos aspectos culturais, sociais e psicológicos, e incorporando a dimensão experiencial aos procedimentos de campo, esta abordagem busca requalificar e ampliar a aplicabilidade dos métodos e instrumentos da APO.

Palavras-chave: abordagem experiencial, observação incorporada, Avaliação Pós-Ocupação.

ABSTRACT

The observer can not intend to have access to a reality that is independent from him. With this belief, the research group Quality of Place and Landscape – ProLUGAR, adopted the designations *experiential approach* and *embodied observation* to characterize, respectively, the theoretical framework and the practical applications of observations that incorporate the man-environment interactions produced during a POE experience. This approach is the result of ProLUGAR researchers' inquiries, raised during their field observations. It implies in the revision on understanding of place and in transforming the observers' attitude, which may be attentive to its reactions and lived emotions during the interaction experience of the places to be assessed. Still being developed, the *experiential approach* and *embodied observation* consider the way each place influence man-environment relations, as well as its influence on the sense and meaning of each place. This approach aims the re-qualification and amplification of POE's instruments and methods applicability, with the idea of dealing consciously with the observers' and users' lived emotions and reactions subjectivity, recognizing the influence of cultural, social and psychological aspects, and aggregating the experiential dimension to the field procedures.

Key-words: experiential approach, embodied observation, post-occupancy evaluation.

MESA REDONDA

AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO (APO), MAIS DE 30 ANOS NO BRASIL: O MOMENTO ATUAL E OS CAMINHOS FUTUROS

1. INTRODUÇÃO

Desde 1995, o Grupo de pesquisa “Qualidade do Lugar e Paisagem” (ProLUGAR) vem desenvolvendo atividades de ensino e pesquisa relacionados com a aplicabilidade de conceitos,

métodos e instrumentos que permitam incorporar as interações homem-ambiente produzidas durante a experiência de avaliação em uma APO. A partir de 2004, a abordagem conceitual e metodológica que tem caracterizado as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo, propõe a releitura e a re-significação das técnicas e instrumentos clássicos de uma APO, ampliando o conceito e a percepção da *qualidade do lugar*, por parte dos observadores e dos usuários (RHEINGANTZ 2004; 2007).

Ao reconhecer que não é possível ter acesso a uma realidade independente do observador e que esta realidade não é algo pré-determinado, estático e imutável, o ProLUGAR passou a adotar a designação *abordagem experiencial* como reflexão e base conceitual de suas pesquisas. A exemplo de Isabelle Stengers (2002: 59), a *abordagem experiencial* pressupõe que

“a partir do momento em que lidamos com um ser vivo, nós sabemos que o mundo de descrição pertinente deve incluir o ‘ponto de vista’ do ser vivo sobre seu mundo ... *nós não podemos ser descritos sem que seja levado em conta o fato de que os meios ambientes não são todos equivalentes para nós*”

A *abordagem experiencial* caracteriza a experiência vivenciada pelo observador no ambiente ou lugar em uso, ou seja, o modo como a um só tempo cada ambiente ou lugar influencia a ação humana, e como a presença humana dá sentido e significado a cada ambiente ou lugar. Ao reconhecer a dinâmica contínua desta dupla influência, a *abordagem experiencial*, ao atentar para descobertas e significados produzidos durante o processo de interação homem-ambiente e “se configura como uma transformação qualitativa e um refinamento do conjunto de técnicas e instrumentos para a Avaliação do Ambiente Construído” (ALCANTARA, 2008: 05).

Seu desdobramento prático, a *Observação Incorporada*, procura lidar com os aspectos subjetivos das observações, ao considerar as emoções e reações dos sujeitos – usuários e observadores – que experienciam determinada realidade, e pressupõe uma mudança de atitude do observador em relação ao ambiente observado. Ao questionar a eficiência intrínseca dos instrumentos e ferramentas da APO (RHEINGANTZ 2004) e agregar a experiência humana aos instrumentos e procedimentos tradicionalmente utilizados – sem, no entanto, negar a importância e a utilidade dos mesmos – o observador assume uma postura menos distanciada e neutra, e passa a ter consciência da subjetividade das emoções e reações vivenciadas pelos observadores e usuários durante a experiência da observação. Ao procurar integrar a bagagem sócio-histórica do observador e dos usuários, a *abordagem experiencial* busca conferir um significado mais rico e abrangente para a APO.

Os resultados preliminares são indicativos das possibilidades de superar algumas das limitações decorrentes da tradição comportamental ou *behaviorista*, ainda predominante nos estudos e aplicações da APO, que, de um modo geral, se ocupam dos comportamentos dos usuários dos ambientes observados sem, no entanto, atentar para as razões que os justificam; ou ainda, que pouco têm se ocupado da conduta dos peritos e dos critérios de análise que utilizam na interpretação dos resultados.

Reconhecendo que:

- a) “o explicar é sempre uma reformulação da experiência que se explica” (MATURANA 2001: 29);
- b) “o que define o cientista em sua ação como cientista, é o modo de explicar, o critério de aceitação de explicações que usa (MATURANA 2001: 30), e;
- c) “a ciência é um domínio cognitivo válido para todos aqueles que aceitam o critério de validação das explicações científicas” (MATURANA 2001: 57),

esse trabalho se propõe a apresentar e discutir os fundamentos da *abordagem experiencial* - adotada e sistematizada pelo ProLUGAR – de forma a ampliar o olhar sobre o estudo das relações homem-ambiente. Alinhado com o pensamento de Maturana (2001:63), o Pro-LUGAR reconhece que "existem fenômenos que estão no domínio do comportamento" e, também, outros que estão no domínio da fisiologia, e no da psicologia.

2. FUNDAMENTOS

“As explicações científicas não fazem referência a realidades independentes do observador.”

Humberto Maturana (2001: 57)

Uma das características fundamentais da ciência na Modernidade, justamente utilizada para legitimá-la, é o pressuposto de que o pesquisador seria um indivíduo neutro e distanciado – ou desincorporado – do ambiente com o qual se relaciona ou, no caso de uma APO, observa. O mundo é entendido como algo independente do indivíduo ou observador e “normalmente se pensa que explicar refere-se a como a coisa é, independentemente da pessoa.” (MATURANA 2001: 29) Assim, um observador apenas observa e descreve fatos, sem exercer qualquer influência sobre os resultados. Seus relatos representam e espelham uma determinada realidade como ela é, independentemente do observador. Como sua bagagem pessoal e suas crenças e valores não influenciam os resultados de sua observação, a validação dos resultados é justificada pela neutralidade e objetividade que, em tese, caracterizam as pesquisas (MATURANA, 2001).

Em contrapartida, ao explicar o fenômeno do conhecer do "observador observando, e do observar" Humberto Maturana (2001: 27) sugere que a explicação tradicional para os fenômenos do conhecimento não seja suficiente e que ela não se sustenta com base no pressuposto de que tem a ver com algo que é externo e independente da experiência. O autor também sugere que se busque uma nova explicação onde o conhecimento não seja dissociado da experiência. Ao experienciar determinada realidade, o observador torna-se, ele próprio, o ponto central da reflexão, pois é *nele* que estará centrada a explicação da reformulação da experiência. Para Maturana (2001: 38), a realidade é sempre um argumento explicativo.

Além de seu alinhamento com o pensamento de Humberto Maturana, as bases teóricas e conceituais da *abordagem experiencial* remontam à fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1994), à neurobiologia (DAMÁSIO, 1996), e, principalmente, à *abordagem atuacionista* da cognição – que, a exemplo do Inglês *enaction*, visa expressar o caráter processual do exercer atividade, estar em atividade no meio. – proposta por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003). Esta abordagem abrange a incorporação da experiência humana à ação cotidiana e entende a cognição como ação incorporada – e, portanto, indissociável – entre homem e ambiente.

Como complemento do quadro conceitual, Evan Thompson (2001) indica que nossa consciência - como indivíduos incorporados ao mundo vivido - emerge através da empatia cognitiva com outros indivíduos e que a consciência humana individual – inerentemente *intersubjetiva* – é uma relação dinâmica indissociável do *ser no mundo* integrado ao ambiente natural e ao mundo humano social.

Neste sentido, o autor considera a *empatia* como o modo básico de experiência, no qual os indivíduos se relacionam e entendem suas experiências e sua compreensão por meio da linguagem verbal ou não verbal. A empatia é uma pré-condição para nossa experiência de habitar um mundo espacial comum e intersubjetivo. A intersubjetividade apontada por Thompson se refere à relação indissociável e subjetiva que ocorre na interação homem-meio-outro. Entendida como um tipo singular de experiência direta, a empatia se distingue da percepção sensorial, pois possuem objetos diferenciados que nos são apresentados de forma distinta, ou seja, na percepção sensorial entendemos as coisas do mundo – não sua representação – e na empatia entendemos as experiências do outro – não uma representação delas – sem, entretanto, passarmos pela experiência diretamente. Por meio da empatia sensual, a experiência corpórea do outro chega até nós – ou o entendimento empático do corpo de outro, animado por seus próprios campos sensoriais – através de outro centro de orientação espacial.

3. ABORDAGEM EXPERIENCIAL E OBSERVAÇÃO INCORPORADA

Inspirado na *abordagem atuacionista*, por sugestão de Rosa Pedro, o ProLUGAR passou a utilizar a designação *abordagem experiencial* para caracterizar as observações que incorporam as interações homem-ambiente em sua experiência de viver,, enriquecendo e conferindo novo significado às APOs /

avaliações de desempenho do ambiente construído. Esta postura pressupõe que o observador deve incorporar - daí a designação observação incorporada - suas sensações, sentidos e emoções, bem como se deixar influenciar conscientemente pelos estímulos proporcionados pelo ambiente durante a observação (RHEINGANTZ, 2007).

A possibilidade de transformar os “observadores” em “protagonistas”, “atuadores” ou “observadores incorporados” conscientes de sua experiência de observação permite aprofundar a reflexão sobre a influência das dimensões espontâneas e reflexivas da experiência humana no ambiente. Se aplicada à APO esta abordagem implica na necessidade de capacitar os observadores para experienciar o ambiente construído. Na medida que surgem os conteúdos dessa experiência – pensamentos discursivos, “coloridos” emocionais, sensações corporais – o observador incorporado, em lugar de se preocupar com o significado ou com o sentido do pensamento, deve simplesmente observar o “pensamento” e dirigir sua atenção para o processo ininterrupto desta experiência.

As primeiras incursões do ProLUGAR (Rheingantz 2004; Alcantara e Rheingantz 2004, 2006; Alcantara et al 2006a; Alcantara et al, 2006b; Cavalcanti e Quieto 2007; Figueiredo et al 2007, Alcântara 2008) são indicativas da riqueza da *abordagem experiencial* nas avaliações de desempenho, emergindo questões relacionadas diretamente com os seus usuários e o entendimento da experiência destes indivíduos ou sujeitos sociais – bem como de suas percepções e sentimentos, numa relação recíproca de interação ou empatia entre o observador e os usuários, em um determinado ambiente em uso. A *abordagem experiencial* e seu desdobramento prático – a *observação incorporada* - propõem a transformação da postura ou atitude do observador, de abstrata e desincorporada, para uma atitude de observação aberta e atenta do ambiente, considerando homem-ambiente de forma indissociável e interdependente.

Conforme observa Alcantara (2008), com essa abordagem é possível estudar o ambiente a partir de olhares diferenciados e complementares:

- (1) do observador/pesquisador, que não se limita à captação de imagens, mas objetiva a apreensão de significados;
- (2) do usuário, por meio de sua experiência no ambiente, sua memória, sua história de vida, seus anseios e desejos; e
- (3) do entrelaçamento dos resultados e descobertas advindos destes distintos olhares sobre o ambiente (ALCANTARA 2008: 2).

Assim, a observação incorporada pode ser definida como um encadeamento de associações dependentes do contexto que, em conjunto, configuram um ponto-de-vista aproximado e particular da experiência vivenciada por um observador ou grupo de observadores em um determinado ambiente ou conjunto de ambientes. O observador "torna-se", ele próprio, *um mundo* que não pode ser “representado” a priori, e cujo relato não deve ser entendido com uma verdade universal. (RHEIGANTZ et al, 2008)

4. APLICAÇÕES, RECOMENDAÇÕES E CUIDADOS

Sendo, basicamente, uma mudança de atitude do observador, a *observação incorporada*, pode ser incorporada aos instrumentos e técnicas tradicionais da avaliação da qualidade ou do desempenho do ambiente construído que, apenas devem ser resignificados à luz da *abordagem experiencial*. Em observações realizadas tanto em ambientes urbanos como em ambientes internos, a *abordagem experiencial* tem demonstrado sua utilidade para evidenciar os aspectos subjetivos, que em geral são de difícil identificação e interpretação nas abordagens comportamentais.

Os pré-testes realizados em diferentes estudos de caso (Alcantara et al, 2006a; Alcantara et al, 2006b; Rheingantz e Alcantara, 2007) vêm demonstrando que a releitura e a re-significação dos instrumentos produzem novos sentidos e seus resultados amplificam a compreensão do lugar. Re-significar as ferramentas e instrumentos tradicionais, implica na modificação da postura do observador em relação à importância e a eficácia das ferramentas de análise. Em lugar de mero aplicador de instrumentos, o observador passa a ser, a um só tempo, ator e roteirista de uma experiência a ser explicada, onde

reconhece a subjetividade resultante da interação com o ambiente e com seus usuários. Sua atenção volta-se para a descoberta das razões, nuances e significados da experiência cotidiana.

A postura do observador aberta, atenta e consciente às influências e emoções provocadas por um determinado ambiente, pressupõe que o observador seja capaz de equilibrar os sentidos e as emoções, o racional e o emocional, na tentativa de não se deixar levar por impressões pré-concebidas, vagas, desatentas ou superficiais sobre o ambiente. Ter consciência do ato de observar e estar mental e corporalmente presente torna-se condição fundamental para a experiência humana

De acordo com Rheingantz et al (2008), durante a experiência de determinado ambiente, o observador deve exercitar algumas habilidades e técnicas de atenção capazes de manter a mente presente durante a experiência, de trazê-la de volta para a experiência sempre que ela tente desviar sua atenção para outras experiências mentais. A atitude se torna operante por meio de anotações, relatos e registros das observações em cadernos de campo diários – podendo se constituir de textos, croquis, palavras soltas e impressões – os quais são posteriormente sintetizados em relatórios com o objetivo de trazer à luz elementos e descobertas subjetivas complementares à análise dos outros métodos utilizados. Neste sentido, os pesquisadores – ou *observadores incorporados* –, ao realizar os percursos à deriva, deverão estar munidos de um material básico que consta de: prancheta, papel de rascunho, caderno de campo, máquina fotográfica.

A seguir, é apresentada uma síntese dos procedimentos/etapas de campo utilizados nas pesquisas de avaliação de desempenho desenvolvidas pelo ProLUGAR:

Preparação: antes de iniciar a observação incorporada, o observador deve procurar um ambiente onde possa fazer um breve relaxamento das tensões e ansiedades produzidas em seu deslocamento. O ideal é buscar um recanto tranqüilo – um templo religioso, um banco de praça, uma mesa de um bar ou café – e por alguns instantes o observador deve se libertar de seus pensamentos e voltar sua mente para a sensação de bem-estar produzida por sua respiração, inicialmente lenta e profunda, movimentando toda sua capacidade torácica. Na medida em que a mente vai se libertando dos pensamentos e ansiedades e a respiração e os batimentos cardíacos vão se estabilizando, com suavidade e delicadeza, a intensidade da respiração vai diminuindo gradativamente até se tornar quase imperceptível.

Observação atenta: quando a mente e o corpo estiverem suficientemente relaxados e libertos, o observador deve voltar sua atenção para os acontecimentos que se desenrolam no ambiente, e na medida do possível, literalmente deixar-se envolver por eles e pela atmosfera do ambiente, ficar à deriva. Ao caminhar pelo ambiente de modo aleatório, sem um percurso pré-determinado, deve procurar estar atento às reações e efeitos que este ambiente produz em seu corpo e mente, em lugar de procurar direcionar seus pensamentos e sentidos. Este percurso deve ser complementado por fotografias contendo instantâneos ou elementos que tenham chamado a atenção do observador.

Conclusão 1: terminado o percurso, ainda “contagiado” pelas emoções vivenciadas, o observador deve procurar local tranqüilo onde possa sentar e reviver passo-a-passo sua experiência recente. Um gravador ou um caderno de anotações podem ser valiosos auxiliares para registro, com a maior liberdade, naturalidade e riqueza de detalhes, do relato de sua experiência. O relato deve ser complementado por desenhos e mapas esquemáticos indicando com detalhes os percursos, as paradas prolongadas, as interrupções, os marcos e demais elementos considerados importantes.

Conclusão 2: caso a experiência tenha sido realizada por mais de um observador, inicialmente deve ser feito um registro individual; se houver tempo e condições, a seguir deve ser registrado um relato da troca de experiências e impressões vivenciadas, anotando os pontos comuns e as discrepâncias.

Conclusão 3: um ou dois dias depois, no laboratório/escritório, o observador deve reler ou ouvir os relatos de campo e, se necessário, produzir um novo documento, agora mais sistemático e devidamente fundamentado. Deve ser produzido um documento contendo a seqüência ordenada das fotos e desenhos produzidos, que devem ser devidamente identificadas com número e título. A seguir, a equipe de pesquisa deve ser reunida e todo o processo deve ser apresentado e discutido. Se possível,

este encontro também deve ser registrado. Se necessário, novas observações mais estruturadas – com roteiros previamente definidos - podem ser realizadas no local.

Nos cadernos de campo deverá constar em cada registro: nome e identificação do projeto de pesquisa, local, data e horário de início e de término da observação, número da observação, nome do(s) observador(es), seguido de um breve parágrafo informando as condições do tempo, bem como um mapa ou desenho esquemático do percurso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A releitura e o entrelaçamento dos relatos das observações e experiências podem indicar inquietações, identificar problemas, apontar impressões ambientais, vislumbrar qualidades etc, cujos efeitos sobre os observadores podem ser ou não similares. Contém, entretanto, uma carga pessoal e subjetiva, que ora suaviza, ora endurece o olhar sobre o ambiente. A conjugação destes diversos olhares nada mais é que o olhar compartilhado “que participa de uma consciência do universo percebido. Ao mesmo tempo em que é uma entidade distinta – uma onda – é, também, um universo – um oceano – formado pelo conjunto das percepções individuais dos usuários que interagem com o ambiente, assumindo “formas de vida” e “significados” variáveis conforme o uso a eles determinado” (RHEINGANTZ 2000).

Ao se ocupar do modo como guia suas ações durante a observação, o observador passa a dar mais atenção ao seu “saber intencional” do que aos modelos, regras e procedimentos do seu “saber-fazer” tradicional, incorporando o “olhar fenomenológico” e buscando a impregnação no lugar. O foco da observação passa a ser o conjunto de acontecimentos produzidos durante a interação do observador com o ambiente, reconhecendo as reações e emoções que experiencia durante a interação em um processo contínuo, onde ambos mudam de modo congruente. Esta experiência vivenciada pelo observador corporifica *um* mundo – o mundo do observador. E a aceitação desta experiência implica em uma explicação sobre “como acontecem as coerências operacionais dos sistemas em relação uns com os outros”. (MATURANA 2001: 64)

Como a *abordagem experiencial* e a *observação incorporada* incluem uma releitura e re-significação das técnicas e instrumentos usuais de uma APO – questionários, análise *walkthrough*, entrevistas, pesquisa documental, levantamentos e observações de campo, instrumentos de análise visual, etc.) – é possível concluir que essa abordagem implica, principalmente, em uma mudança na atitude do observador em relação ao ambiente a ser observado. Sob esse olhar, essa mudança deve permear todo o processo de observação, inclusive a aplicação dos instrumentos, reconhecendo o observador na experiência como ponto de partida e central da experiência (e da reflexão), requalificando a informação e a compreensão do ambiente *corporificado*. As impressões do pesquisador com relação ao ambiente tornam-se então, hipóteses de pesquisa a serem testadas e validadas com o auxílio dos instrumentos e procedimentos da APO. A *observação incorporada*, ao possibilitar um olhar mais abrangente que favorece a compreensão da complexidade da experiência vivenciada no ambiente, será sempre diferente de uma interpretação distanciada e desincorporada do pesquisador. (ALCANTARA; RHEINGANTZ: 2004, 2007)

Os resultados das observações produzidas no ProLUGAR têm produzido relatos mais sensíveis, poéticos, significantes e ilustrativos das relações homem-ambiente. Quando o observador de fato experiencia o ambiente, vivencia o lugar e se deixa por ele impregnar, as informações produzidas nesta experiência se tornam mais ricas e significativas do que aquelas resultantes dos procedimentos mais distanciados ou descorporificados.

Estes resultados também sinalizam que a *abordagem experiencial* e a *observação incorporada* contribuem para refinar e qualificar a compreensão sobre o papel da experiência humana no ambiente – quer seja a experiência do usuário, quer do observador. Para tanto é fundamental a compreensão do contexto da experiência, bem como do conjunto de experiências individuais e de suas associações, sem no entanto, esquecer que “o explicar é sempre uma reformulação da experiência que se explica.” (MATURANA 2001: 29).

6. REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Denise de. **Abordagem Experiencial e revitalização de Centros Históricos: Os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e Gaslamp Quarter em San Diego**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2008. (Tese de doutorado)
- ALCANTARA, D.; RHEINGANTZ, P.. A Cognição Ambiental na Avaliação da Qualidade do Lugar - Conceitos e Métodos para o Aprimoramento do Desenho Urbano. In: **Anais do NUTAU'2004**. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. (cd-rom)
- ALCANTARA, D; BARBOSA, A.; RHEINGANTZ, P. Percursos à Deriva na Investigação do Lugar: o caso do Corredor Cultural, Rio de Janeiro in. **Anais do NUTAU'2006**. São Paulo: FAUUSP, 2006.
- ALCANTARA, D de; RHEINGANTZ, P. A.; BARBOSA, A.; LAUREANO, A. R.; AMORIM, F. Rua Pires de Almeida: Observação Incorporada de Um Lugar Público Particular. In: **Paisagem e ambiente**. São Paulo: USP, 2006. n. 22, p. 30-40.
- CAVALCANTI, P. B.; VIANA, L. Q. **Observação Incorporada no Saara**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2007. (Relatório de Pesquisa Seminários de Avaliação do Ambiente Construído)
- DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FIGUEIREDO, J.; MACHADO, E. S.; SANTOS, H. **Observação Incorporada no Saara**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2007. (Relatório de Pesquisa Seminários de Avaliação do Ambiente Construído).
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. [editado originalmente em 1945].
- RHEINGANTZ, P.A. **Projeto e Qualidade do Lugar: Cognição, Ergonomia e Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído**. Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2007 (Relatório Final de Pesquisa – CNPq)
- _____. De Corpo Presente: Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. In: **Anais do NUTAU2004**.. São Paulo: USP, 2004 (cd-rom).
- _____. **Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica COPPETEC-COSENZA na Avaliação de Edifícios de Escritório**. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2000. Tese (Doutorado)
- RHEINGANTZ, P. A.; ALCANTARA, D. Cognição Experiencial, Observação Incorporada e Sustentabilidade na Avaliação Pós-Ocupação de Ambientes Urbanos. In: **Ambiente Construído**, Porto Alegre, 2007.v. 7, n. 1, p. 35-46, jan./mar.
- RHEINGANTZ, P A.; AZEVEDO, G. A. N.; ALCÂNTARA, D. de; ARAUJO, M. Q.; BRASILEIRO, A. **Observando a Qualidade do Lugar: Procedimentos para o trabalho de campo**. Rio de Janeiro: [s.ed.], 2008. (Versão preliminar para o livro, em fase de edição).
- STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. São Paulo: Editora 34, 2002.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSH, E. **A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

THOMPSON, Evan. **Empathy and Human Experience**. York University, 2002. Disponível em: www.yorku.ca/evant/ETSRHEUCSB.pdf.